



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 06 – Ano III – 10/2014
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Os gêneros textuais consultório gramatical e artigo metalinguístico na obra de Cândido de Figueiredo.

Profª. MSc. Eni Ferreira Teixeira

Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro –
UERJ – Brasil

<http://lattes.cnpq.br/5846521919315157>

E-mail: enife.9@gmail.com

Resumo: Este artigo tem por finalidade realizar um breve estudo, sob uma perspectiva histórica, a respeito dos gêneros textuais consultório gramatical e coluna metalinguística publicados no final do século XIX e início do século XX, e escritos pelo filólogo português Cândido de Figueiredo. Todos os artigos, relacionados à língua portuguesa e seus usos, surgiram em uma época em que os estudos linguísticos estavam sofrendo profundas transformações. Além disso, foi discutida a importância do suporte jornalístico da época na circulação de debates sobre a língua portuguesa, bem como comprovar como os discursos encontrados nas colunas se aproximam dos discursos utilizados atualmente nos gêneros apresentados.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Língua Portuguesa. Consultório gramatical. Coluna metalinguística.

Introdução

A mídia impressa, ao longo dos anos, tem servido de suporte para diversos gêneros textuais. Entre eles, encontram-se os gêneros consultórios gramaticais, que contêm perguntas e respostas relacionadas aos usos da língua, e o artigo metalinguístico, que traz opiniões sobre determinado assunto relacionado à norma culta da língua. Ambos tratam dos usos da norma padrão da Língua Portuguesa e têm o mesmo objetivo: persuadir os interlocutores.

Esses gêneros, geralmente, aparecem nesse tipo de suporte, por meio de artigos publicados em colunas de jornais impressos, jornais *on line*, *blogs*, revistas eletrônicas, revistas impressas, sites de escolas e/ou cursos, entre outros. Os responsáveis por tais colunas não são jornalistas, mas sim professores e estudiosos da Língua Portuguesa.

Nota-se nessas colunas uma preocupação com a norma padrão da língua. Além disso, há no discurso dos autores um tom de autoritarismo, uma vez que se observa nos textos a noção do que consideravam certo e errado¹ na língua.

Esses gêneros, tão observados atualmente, são oriundos do final do século XIX e início do XX, e eram muito utilizados nos jornais impressos da época. Consequentemente, a imprensa passa a ter um papel significativo na propagação dos estudos linguísticos e assumia um papel institucional, pois fazia circular saberes linguísticos que antes eram restritos aos estudiosos do idioma.

Essas colunas surgiram em função das grandes transformações pelas quais os estudos sobre a Língua Portuguesa estavam passando. As ideias linguísticas começaram a se organizar de modo bastante específico. À vista disso, surgiram correntes de estudiosos da língua, dentre elas está a que prezava pelo purismo e pela homogeneidade da língua portuguesa entre Brasil e Portugal.

Um desses estudiosos da corrente purista foi o filólogo português Cândido de Figueiredo. Ele redigia uma coluna intitulada “O que Se não Deve Dizer” publicada em um periódico da época: o *Jornal do Commercio*. Mais tarde as colunas foram reunidas em uma obra dividida em três volumes nomeados *O que não se Deve Dizer: Bosquejos e notas de filologia portuguesa*. Nessa obra foram encontrados dois gêneros textuais: o consultório gramatical e a coluna metalinguística.

¹ O tom desse discurso não possui um aspecto tão negativo, pois, para que exista uma língua organizada, é preciso que exista uma padronização das normas e regras gramaticais.

Em vista disso, o presente estudo tem por objetivo realizar uma breve análise sobre os gêneros citados, com base na obra citada, bem como discutir a importância do suporte jornalístico, da época, na circulação dos debates da Língua Portuguesa, além de mostrar como os discursos encontrados nas colunas se aproximam dos que são observados atualmente.

É fundamental, também, ressaltar que esse é um tema pouco explorado e tem fundamental relevância tanto para os estudos historiográficos da língua, quanto para o estudo dos gêneros textuais.

1. Cândido de Figueiredo e sua obra

Cândido de Figueiredo publicou diversas obras relacionadas aos estudos linguísticos. Além disso, trabalhou muitos anos escrevendo colunas sobre fatos da língua em periódicos da época. De acordo com Dela-Silva (2006), datam de 1890, as primeiras publicações periódicas de Figueiredo sob o pseudônimo de João Caturra Júnior. Entretanto, são de abril de 1900 os registros das primeiras publicações em que Figueiredo assina o próprio nome.

As colunas faziam parte de *Jornal do Commercio*, fundado em 31 de Agosto de 1827, pelo tipógrafo francês Pierre Plancher-Seignot. Consoante Dela-Silva (2006), o periódico é o mais antigo em circulação ininterrupta de toda a América latina² e, na tentativa de ampliar o campo de atuação dos periódicos, começam a publicar as colunas do filólogo em um espaço denominado “o que se não deve dizer”.

Figueiredo, algum tempo depois, reuniu os artigos em uma obra dividida em três volumes intitulados *O que se não Deve Dizer: Bosquejos e notas de filologia portuguesa*. Quanto ao nome escolhido para os livros, o autor afirma, no prefácio do volume I, que, “*O que se não deve dizer* tem sido, e talvez continue a ser, o título genérico de vários e numerosos artigos, por mim estampados na imprensa periódica de Portugal e Brasil” (FIGUEIREDO, 1922, p. 5). (Grifo do autor). Em relação à obra, o autor ratifica que,

com efeito, nos últimos quinze anos, a minha atenção de estudioso e de publicista tem recaído especialmente nas mais vulgares incorreções ou

² O jornal pode ser encontrado no website: <http://www.jornaldocommercio.com.br/>.

delitos de linguagem, isto é, no que se não deve dizer, falando ou escrevendo (FIGUEIREDO, 1922, p.6).

Figueiredo, em sua argumentação, associa tais “erros” à imprensa e aos escritores contemporâneos, e, para “corrigir” o que considerava incorreto utilizava estudos etimológicos e exemplos retirados de obras clássicas da Língua Portuguesa.

Durante a apreciação dos artigos, foram identificados dois gêneros textuais: a coluna metalinguística e consultório gramatical. O primeiro deles é mais recorrente no volume I e faz parte da fase em que o autor ainda adotava o pseudônimo João Caturra Júnior. O segundo gênero aparece nos três volumes e eram assinados pelo próprio Figueiredo.

No que diz respeito à parte estrutural, Marcondes (2006) reintera que o volume I é dividido em duas partes denominadas: *Princípios e fatos*, “composta por artigos e consultórios gramaticais” (MARCONDES, 2006, p.17), e *Crítica suave*, que é formado “por respostas a diversas críticas feitas ao autor por outros estudiosos da língua” (MARCONDES, 2006, p.17). Os volumes II e III são constituídos, em sua totalidade, pelos consultórios gramaticais.

2. Perspectiva histórica: Os estudos linguísticos e o papel da imprensa na circulação do saber sobre a língua do Brasil no final XIX e início do século XX

As colunas que compõem a obra analisada datam do final do século XIX e início do século XX. Essa foi uma época bastante significativa em relação aos estudos da língua. Segundo Guimarães, “Os estudos do português no Brasil vão tomar corpo num movimento geral das ideias que se desenvolve a partir da segunda metade do século XIX” (GUIMARÃES, 2004, p. 23). Tais reflexões começam a se organizar de modo específico a partir desse século.

Nesse período surgiram inúmeras gramáticas importantes na história da língua e alguns nomes merecem destaque como: Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Manuel Said Ali, João Ribeiro, Sousa da Silveira, Mário Pereira de Souza Lima, Eduardo Carlos Pereira, entre outros.

Além disso, nesse contexto histórico observa-se o surgimento de uma corrente que mantinha posições puristas, justamente por não aceitar as variações naturais que a língua vinha sofrendo, ou seja, que defendia um modelo de escrita padrão, consoante Azeredo, “o sentimento da corrente mais conservadora do seu tempo, a qual, movida por um ideal purista da língua, defendia um modelo de escrita padrão uniforme entre Brasil e Portugal” (AZEREDO, 2008, p. 33).

Esses estudiosos, além de prezarem pelo purismo da língua, procuravam divulgar a homogeneidade linguística no país. Oliveira (2011)³ destaca que “o único enfoque científico da linguagem era diacrônico, ficando o estudo sincrônico restrito a manuais didáticos sem interesse científico”. Muitos autores, como Cândido de Figueiredo, seguiam essas ideias e procuravam, em suas respectivas obras, divulgá-las.

Os puristas utilizam diversos canais para difundirem suas ideias e um deles era o jornal impresso. Guimarães aponta que “uma atividade muito comum na história do controle sobre a língua no Brasil são as colunas de ‘especialistas’ na imprensa” (GUIMARÃES, 2004, p.30). O papel da imprensa torna-se mais relevante na medida em que o público leitor, por se tratar de suporte jornalístico, “cobra” que o conteúdo exposto tenha um compromisso com a verdade dos fatos e isso pode incluir os comentários relativos aos fatos da língua.

Assim, de acordo com Dela-Silva (2006), a imprensa se qualifica como uma instituição⁴, enquanto fazia circular conhecimento linguístico, que antes se restringia aos gramáticos, filólogos e estudiosos, a um público mais amplo e não especializado. Além disso, divulgava e propagava interpretações específicas sobre a língua nacional e sobre o saber metalinguístico.

Portanto, segundo Dela-Silva(2006), é essa posição da imprensa, que permite o surgimento de colunas, a partir de 1900, de especialistas nos periódicos que circulavam no Brasil. A imprensa tinha um papel paradoxal, ou seja:

ao mesmo tempo em que fornece material para as considerações dos filólogos, por ser considerada responsável pelos “erros” nos usos correntes do idioma, permite a divulgação das críticas em espaço privilegiado, em

³ Disponível em: <http://heleniofon.blogspot.com.br>

⁴ De acordo com Nunes, citado por Dela-Silva, “campo de saber desenvolvido a partir de estudos com foco no processo de constituição da língua nacional e no saber metalinguístico, são consideradas instituições as entidades que se ocupam da circulação das ideias linguísticas” (2006, p.210).

suas próprias páginas, ao dar voz a especialistas em linguagem (DELA-SILVA, 2006, p.211).

3. Os gêneros “consultório Gramatical” e “artigo metalinguístico”: características e estilo

Os textos encontrados na obra de Cândido Figueiredo fazem parte do domínio discursivo jornalístico. Dentro desse domínio, existem diversos gêneros, entretanto, nos artigos estudados, foram identificados dois tipos de gênero secundários⁵: consultório gramatical e artigos metalinguísticos.

Durante a análise dos artigos foram observadas, entre os dois gêneros, características que os aproximam e características que os afastam.

Como ponto de aproximação entre eles, pode-se dizer que, tanto um quanto o outro tratam do uso da norma culta da Língua Portuguesa. De acordo com Marcondes (2008), outra semelhança entre os gêneros diz respeito ao objetivo: “persuadir os interlocutores a utilizar determinadas formas gramaticais, consideradas mais ‘corretas’ ou adequadas” (p. 34).

Entretanto, existem alguns traços que os diferenciam. Segundo Marcondes (2008), pode-se afirmar que os fatos que marcam a diferença entre eles são: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Trata-se das próprias características de cada gênero textual⁶.

O consultório gramatical era muito comum entre a metade do século XIX e início do século XX. Seu conteúdo era escrito por filólogos e/ou gramáticos, e veiculado em jornais ou revistas da época. Consoante Marcondes (2008, p.12), pode-se definir esse gênero por: “textos metalinguísticos apresentados na forma de perguntas e respostas sobre a norma tradicional prescritiva da língua portuguesa”.

⁵ Os gêneros têm por característica a dinamicidade e diversidade e são divididos em dois tipos, os discursivos primários (simples) e os gêneros discursivos originarem das relações sociais, sofrem influência das diversas transformações ocorridas na sociedade. Por essa grande heterogeneidade Bakhtin diferenciou os secundários (complexos). Nos simples temos as interações comunicativas do dia-a-dia (bate-papos, elogios, recados, entre outros) e nos secundários temos os romances, artigos, grandes gêneros publicitários e eles, de acordo com Bakhtin, “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente escrito)” (BAKHTIN, 2010, p. 263).

⁶ Para Bakhtin, um gênero textual possui essas três características e estão “indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2010, p.262).

O gênero é constituído de perguntas feitas pelos consulentes (os leitores) e respostas dadas pelo consultor (autor do texto). Segundo Marcondes (2006) Os termos *consultório gramatical*, *consultor* e *consulente*, “são apoiados em uma metáfora médica, a de que ‘a língua portuguesa está doente, sofrendo, e precisando de cuidados’” (MARCONDES, 2008, p. 34). Nesse tipo de artigo, normalmente, observa-se o uso de saudações iniciais, saudações finais e assinatura.

Os questionamentos encontrados nos consultórios consistem “no bom uso” da norma padrão da língua, relacionados tanto para os textos escritos quanto para os orais. Tais características podem ser observadas no fragmento retirado da obra⁷:

De Um tenente: --- “Que me diz V. aos militares intemeratos e a outras pessoas intemeratas, que os jornais nos servem tantas vezes?” --- Bem sei: Usam e abusam do intemerato, no sentido de destemido, corajoso...Mas isso não é português. Temos intemerato, mas é noutro sentido: puro, inocente...É por isso que, na Ladaínha do rito cristão, se invoca a Virgem intemerata... Que afinal eu não duvido de que haja soldados intemeratos... A gente vê tanta coisa! (FIGUEIREDO, 1927, P.9)

Outra maneira de apresentação do consultório gramatical foi encontrada sob a forma de paráfrase:

Um industrial brasileiro, que se apelida Mattos, diz-me que, tendo eu desaprovado algures a grafia usual daquele apelido, deseja saber se perpetra erro, servindo-se de dois *tt* quando assina *Mattos*. Podia até servir-se de três *ttt*, que ninguém o levaria preso por isso. Já por mais de uma vez eu tenho o dito que, em matéria de nomes próprios e apelidos, cada qual costuma assinar como quer e como entende, sem que isso provoque a sério a caturrice filológica (FIGUEIREDO, 1922, P.107). (Grifo do autor).

Nos chamados artigos metalinguísticos foi observado que o autor enuncia sua opinião a respeito dos fatos linguísticos⁸. Segundo Marcondes (2008, p.36), “esse gênero é composto por pequenos enunciados metalinguísticos, escritos em forma de coluna⁹, para serem publicados em jornais e revistas”. Nessas colunas a assinatura do autor é opcional.

Pode-se destacar como exemplo do gênero coluna metalinguística, um trecho retirado do volume I, que compõe o artigo intitulado “o que dizem as < gramáticas>”:

⁷ Optou-se, neste artigo, em transcrever o trecho mantendo a língua portuguesa utilizada na época.

⁸ Tal característica se aplica aos diversos autores que utilizavam o gênero em questão.

⁹Consoante Marcondes (2008, p. 36) “é difícil caracterizar colunas como tipo de texto, pois a primeira conceituação de coluna baseia-se no formato do texto, porém, vários enunciados, de diversos gêneros, podem ser escritos no formato coluna, inclusive os consultórios gramaticais”

Se eu fôsse gramático, inda havia de escrever um *Suplemento às gramáticas Portuguesas*, para demonstração, aliás fácil, de que não basta conhecer as nossas *Gramáticas*, para que se conheça e se fale o bom português. Nunca será ocioso insistir em que a língua precedeu os estudos gramaticais e que, no decurso dos tempos, os gramáticos não têm feito mais do que deduzir da prática dos escritores um certo número de regras e metodizá-las, mais ou menos diversamente. (FIGUEIREDO, 1922, P.102). (Grifo do autor).

É notório nesses gêneros que há um estilo que caracterize cada obra e cada autor. Para Bakhtin (2010, p. 261), o estilo de linguagem, é “a seleção dos recursos lexicais, fraseológicas e gramaticais da língua”, que definem um enunciado. Dessa maneira, segundo Oliveira (2007), o estilo corresponde às escolhas feitas dentre as opções que a língua oferece dentro do contrato¹⁰ de cada gênero, ou seja, relaciona-se ao que é permitido ou interdito em um ato de linguagem.

O estilo para Fiorin (2008, p.46) “é o conjunto de particularidades discursivas e textuais que cria uma imagem do autor, que é o que denominamos efeito de individualidade”. Essa imagem, de acordo com o mesmo, pode ser individual (como no estilo de Guimarães Rosa) ou coletivo (como no caso dos parnasianos, que criam a imagem do poeta parnasiano). O estilo também pode ser determinado pelo interlocutor do enunciado. Embora, Bakhtin (2010) afirme que os gêneros mais favoráveis para o estilo são os de literatura ficcional, percebe-se muito estilo individual nas colunas de Cândido Figueiredo.

Nos gêneros em que o suporte é o jornalístico exige-se clareza e concisão no texto, uma vez que o objetivo desses gêneros é alcançar o maior número de leitores. Figueiredo reforça essa característica quando, em seu prefácio, afirma que o objetivo das colunas “é difundir, pelos meios mais eficazes e em benefício da língua nacional (...) ora, aquele benefício será tanto mais acessível, quanto mais numerosos forem os leitores” (1922, p.7).

Nessa mesma apresentação, o filólogo tenta traduzir o que para ele definiria seu estilo de escrita quando afirma que leitores da coluna

¹⁰ O contrato de comunicação pode ser definido por Oliveira (2003) “como um conjunto de ‘regras’ discursivas que determinam o que é e o que não é ‘permitido’ no ato de produzir e de interpretar textos (orais e escritos)” (p.87). Para saber mais sobre o conceito, ver Charaudeau e Maingueneau, 2008, p.130.

não os recomenda certamente o nome nem os méritos do autor: recomenda-os a fôrma ligeira, despreocupada e às vezes humorística, a sua variedade e oportunidade, e talvez um pouco de patriotismo, inerente a todos os esforços em prol da linguagem nacional (FIGUEIREDO, 1922, p.7).

De fato, parece que há por parte do autor uma determinada preocupação em manter o humor e um tipo de linguagem mais popular no consultório gramatical; é possível que fizesse isso para que se mostrar mais próximo do leitor. No fragmento seguinte, pode-se observar um exemplo de como Figueiredo utilizou em sua argumentação essa característica discursiva:

Eureka tem coisas! Agora, sai-se com esta: --- “Porque se escreve *Jorge* com *J*, e *Georgina* com *G*?”--- Temos *Georgina*, e teríamos *George*, se este nome se não contraísse, deixando cair foneticamente o primeiro e; mas, se neste caso o *G* se mantivesse teríamos *Gorge*, cuja ortoépia se não aceita. Portanto, substituiu-se o *G* por *J*, para que a escrita corresponda á pronúncia. Se a *Georgina* também perder o e, terá de se escrever *Jorgina*. A razão é clara. Mas é melhor que as damas não percam nada. (FIGUEIREDO, 1927, p.36). (Grifos do autor).

Outro recurso utilizado pelo autor era assumir uma postura autoritária e taxativa em seu discurso, uma vez que seu objetivo era passar uma imagem de especialista e conhecedor do idioma nacional. Dessa maneira:

os consultórios do início do século XX, além de usarem o discurso autoritário e contundente com o objetivo de se apresentarem, aos seus interlocutores, como autoridade no discurso metalinguístico, também buscaram maior credibilidade a si e ao que diziam através do modo com que se posicionavam em seus enunciados discursivos (MARCONDES, 2006, p.43).

Segundo Marcondes (2008), Figueiredo se utilizava de provérbios como estratégia de persuasão e aproximação das camadas mais populares. Da mesma maneira, para atenuar as atitudes polêmicas e o tom polêmico dos enunciados, os consultores, em geral, se utilizavam de ditados populares, do jogo de palavras e da ironia. Algumas dessas particularidades podem ser observadas no fragmento a seguir:

Constante leitor, que deve ser excelente pessoa, pede-me de joelhos que lhe responda a uma dúvida. Um homem não deve ajoelhar diante dos seus semelhantes. Só diante de Deus ou de algum, anjo bom. Queira levantar-se, e fale á vontade: ----‘Quando dizemos V. Ex^a dá licença? Parece-me que dizemos mal, porque dá é 3^a pessoa do singular, e V. Ex^a é a 2^a do plural’. - -- Valha-o um anjo bom! Vós é que é pronome plural da 2^a pessoa; mas

vosso, vossa, foi sempre pronome possessivo que, como sujeito de proposição, leva sempre o verbo á 3ª pessoa: - 'vosso pai tem cuidados; vossos cuidados são as sécias...' Ajoelhe agora, e peça perdão a Deus por têr chegado até aqui, sem passar pela escola da sua freguesia. (FIGUEIREDO, 1927, p12).

Na obra analisada não foi constatado o uso do humor, característica presente no consultório, em vez disso, observou-se um tom crítico em relação às ideias, que o autor não concorda, relacionadas aos fatos da língua:

Para os erros, que maculam a usual escrita portuguesa, tem contribuído, em diversa maneira, o desconhecimento das fontes da língua, a nefasta influência das fórmulas francesas, e o exemplo de escritores que o vulgo considera mestres, ou que o são realmente, mas que não puderam ou não quiseram deslindar a razão das praxes que observaram. (Figueiredo, 1922, p.37)

Entretanto, muitas vezes, o mesmo discurso autoritário pode ser encontrado no gênero consultório gramatical. Essa atitude pode ser considerada fruto das ideias correntes da época: purismo e heterogeneidade da Língua Portuguesa entre Brasil e Portugal.

Além disso, verificou-se no discurso de Cândido Figueiredo a intolerância a determinados usos da língua, como o estrangeirismo, e preconceito linguístico, uma vez que o consultor assume a postura de defesa da norma culta da Língua Portuguesa. No texto introdutório do volume I, *Princípios e factos*, o autor afirma que há muitas mudanças na língua, principalmente no que se tratava das obras dos literários da época: "sábios e romancistas, poetas e prosadores, e nomeadamente a imprensa periódica, parece haverem conspirado para dar curso às mais extraordinárias invenções e enxertos de linguagem" (FIGUEIREDO, 1922, p.14), e completa a justificativa de sua consultoria da seguinte maneira:

êstes e outros factos congêneres estimularam-me a erguer, dos recessos da minha obscuridade, uma campanha tenaz, em diários, em revistas, em livros, contra a invasão crescente dos ignaros ou ingênuos iconoclastas da língua de Camões (FIGUEIREDO, 1922, p. 14).

Portanto, assumindo esse estilo na escrita, Figueiredo construiu um ethos¹¹ (uma imagem de si mesmo). Essa imagem ajuda na construção de uma identidade

¹¹ O ethos discursivo mantém relação estreita com a *imagem prévia* que o auditório pode ter do orador ou, pelo menos, com a ideia que este faz do modo como seus alocutários o percebem. A representação da pessoa do locutor anterior a sua tomada de turno- às vezes denominada ethos

discursiva. Segundo Charaudeau (2009), esse tipo de identidade¹² tem a particularidade de ser construída pelo sujeito falante para ser utilizada como estratégia de credibilidade. Então, observou-se que Figueiredo construiu uma imagem para passar credibilidade das suas ideias linguísticas aos leitores.

Dessa forma, pode-se dizer que a credibilidade se liga à necessidade de que se acredite no sujeito falante, tanto no valor da verdade nas suas asserções, quanto no que ele pensa realmente.

Para que esse processo seja bem-sucedido, o interlocutor pode adotar diferentes atitudes discursivas, como, por exemplo, a atitude de engajamento. Segundo Charaudeau, essa atitude, “destina-se a construir a imagem de um sujeito falante como ‘ser de convicção’” (2009)¹³. De acordo com o mesmo, o sujeito assume a postura de uma tomada de posição na escolha de argumentos ou de palavras. A intencionalidade do autor em utilizar esse comportamento tem como objetivo assegurar-se de que o seu parceiro na troca comunicativa compartilhe de suas opiniões.

Porém, para que a persuasão tenha sucesso, é preciso que o consulente assuma uma determinada atitude discursiva. No caso do consultor, pode-se dizer que ele assume uma atitude de dramatização. Essa escolha, de acordo com Charaudeau (2009)¹⁴, “leva o sujeito a descrever fatos que concernem os dramas da vida, em relatos cheios de analogias, comparações, metóforas, etc”.

Assim, a atitude discursiva assumida por Cândido de Figueiredo, consoante Charaudeau (2009)¹⁵, “se constrói com base nos modos de tomada da palavra, na organização enunciativa do discurso e na manipulação dos imaginários sóciodiscursivos¹⁶”. Dessa forma, pode-se dizer que filólogo, em seus escritos, fazia circular as ideias que circulavam no grupo purista do qual fazia parte. Segundo Teixeira (2013, p.24), “dentro desse grupo, muitas vezes circulam certas crenças,

prévio ou pré-discursivo-está frequentemente no fundamento da imagem que ele constrói em seu discurso: com efeito, ele tenta consolidá-la, retificá-la, trabalhá-la ou atenuá-la (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008, p.221).

¹² A noção de identidade, de acordo com Bock (1999), implica na “produção do sujeito, que lhe permite apresentar-se ao mundo e reconhecer-se com alguém” (p.203).

¹³ Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.htm>

¹⁴ Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>

¹⁵ Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>

¹⁶ Considerando que tais imaginários circulam no interior de determinado grupo social, Charaudeau (2008) denominou-os de “imaginários sociodiscursivos”.

propagadas pela sociedade, muitas vezes de maneira inconsciente. Esse conjunto de crenças que podemos chamar de imaginário¹⁷”.

4. Breves considerações a respeito dos gêneros utilizados atualmente

Os gêneros observados passaram um tempo no esquecimento, entretanto voltaram a ser utilizados com o apoio de novos suportes, como colunas de jornais *on line*, *blogs*, redes de relacionamento social, revistas impressas e/ou eletrônicas, *websites* de cursos de línguas *on line*, entre outros. Esse fenômeno cresceu, de acordo com Bagno (sem data), pela:

transformação da ‘língua certa’ em objeto de desejo precisamente das camadas emergentes C, D e E que reconhecem em seus modos de falar grandes diferenças com relação aos usos considerados ‘cultos’ e tentam conquistar essa língua idealizada com vistas a uma suposta ascensão social que esse conhecimento permitiria.

Assim, é perceptível que as pessoas que utilizam a língua padrão desfrutam de prestígio social. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), a língua padrão, no Brasil, é associada ao grupo social que possui melhor *status*, dessa forma, qualquer desvio na norma padrão real, tende a receber avaliação negativa.

Além disso, a facilidade de pesquisa e o número grande de recursos (como *CD-Roms*, revistas, fascículos, *sites* na Internet, cursos, tira-dúvidas por telefone, manuais de redação, entre outros) que podem ser alcançados por qualquer um, favorecem essa fama dos consultórios gramaticais contemporâneos.

Por isso, a utilização dos gêneros estudados muitas vezes pode gerar preconceito, pois, frequentemente, é observado o mesmo discurso impositivo e um tom purista de uso da língua que era utilizado pelo filólogo Cândido de Figueiredo em suas colunas. Além disso, o fato de os colunistas terem um título de estudiosos da língua dá credibilidade aos conteúdos expostos. Dessa maneira, o *ethos* construído pelo autor da coluna passa credibilidade aos leitores.

¹⁷ A teoria de imaginário sociodiscursivo foi estudada por Patrick Charaudeau (2006) que pode ser definida como um universo de significação que funda a identidade de um grupo. De acordo com Teixeira, os imaginários circulam pela sociedade e, dada a grande quantidade dos membros, geram um julgamento compartilhado, assumindo uma função identitária (TEIXEIRA, 2013, p. 21).

Considerações finais

Com base na reflexão realizada, foi possível observar um pouco sobre as características dos gêneros consultório gramatical e coluna metalinguística, encontradas na obra de Cândido Figueiredo, bem como a apreciação da importância da imprensa na circulação dos saberes. Da mesma forma, foi demonstrado que apesar da utilização de um novo suporte, o tom impositivo, utilizado pelos autores puristas do final de século XX e início do século XIX, continua a ser utilizado.

Por isso, torna-se relevante que o leitor conheça o contexto histórico da época em que os gêneros ganharam popularidade e que as noções de “certo” e “errado” do período histórico em questão estavam de acordo com o pensamento de corrente purista vigente.

É importante frisar que, atualmente, com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, sabe-se que a língua não é utilizada de modo homogêneo (como pregavam os puristas), ou seja, não é estática, ela varia no tempo, nas diversas situações comunicativas e no tempo, entendendo todos esses aspectos o preconceito linguístico, que é observado em muitas dessas colunas, pode ser evitado.

Portanto, a melhor maneira de desfrutar os gêneros estudados seria a conscientização dos leitores de que não utilizamos a norma padrão em todos os momentos de interação e que em determinadas situações de nosso cotidiano (bilhetes, conversas orais entre amigos, *chat* em redes sócias, entre outros) a utilização de variedades informais é aceitável.

Abstract: This article aims to conduct a brief study, from a historical perspective, about the genres and grammar practice metalinguistic column published in the late nineteenth century and early twentieth century, and written by Candido de Figueiredo Portuguese philologist. All articles related to the Portuguese language and its uses have emerged in an era where language studies were undergoing profound transformations. Moreover, discussed the importance of journalistic support of the circulation time of debates about the Portuguese language, and demonstrate how discourses found in the columns of the discourse approach currently used in the genres presented.

Key-words: Text genres. Portuguese. Grammar practice. Metalinguistic column.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAGNO, Marcos. *A língua, a mídia e a ordem do discurso*. Texto recebido em 2011. Disponível em <http://marcosbagnos.org/>. Acesso em: jan. 2014.

BAKHTIN, Mikhaïl Mikhaïlovitch. *Estética da criação verbal*. 5ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BOCK, Ana M. et al. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?* sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (Org.). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In : PIETROLUONGO, Márcia (Org.). *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 309-326. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. *A língua portuguesa no Jornal do Comércio: as colunas de Cândido de Figueiredo*. In: XXI Encontro Nacional da Anpoll - Domínios do saber: histórias, instituições, práticas, 2006, São Paulo. Comunicações do Grupo de Trabalho em Análise de Discurso da Anpoll, 2006. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewPDFInterstitial/61/55>>. Acesso em: jan. 2014.

FIGUEIREDO, Cândido de. *O que se não deve dizer. Bosquejos e notas de filologia portuguesa*. 4ªed., v. I. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1922.

-----, *O que se não deve dizer. Bosquejos e notas de filologia portuguesa*. 3ªed., v. II. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1922.

-----, *O que se não deve dizer. Bosquejos e notas de filologia portuguesa*. 3ªed., v. III. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1927.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: ática, 2008.

GUIMARÃES, Eduardo. *História da Semântica: Sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas. SP: Pontes, 2004.

MARCONDES, Iara Lúcia. *Os consultórios gramaticais: um estudo de preconceito e intolerância linguística*. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. 179f.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2012.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. *Gêneros textuais e conceitos afins: teoria*. In: VALENTE, André (org.) *Língua portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés: 2007.p.79-92.

----. *Ortografia e unidade lusófona* – III Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (simpósio 21 – terminologia linguística, acordo ortográfico e ensino de português: soluções e problemas- coordenado por Cláudio Cézar Henriques), Macau, China, 28/ago. A 2/set./2011. Disponível em: < <http://heleniofon.blogspot.com.br/> >. Acesso em: jan.2014.

OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

TEIXEIRA, Eni Ferreira. *O vocativo “nem” no imaginário linguístico brasileiro*. Dissertação (Mestrado – programa de Pós-Graduação do Departamento de Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013. 96f.

Texto científico recebido em: 27/08/2014

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 31/10/2014

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*
(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,
em diversas áreas do conhecimento.